

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME V



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1966

A NECRÓPOLE DE VALDOCA (ALJUSTREL)

Este estudo só foi possível devido à compreensão das Ex.^{mas} Administração e Direcção das Minas de Aljustrel. Na verdade, compreendendo, por um lado, o valor arqueológico, para o nosso país e até para o mundo em geral, do material que se foi encontrando na sua concessão mineira e interessando-se, por outro lado, pelos seus antecessores, embora longínquos, na exploração dos jazigos de Aljustrel, a Administração e a Direcção da empresa viram com benevolência os trabalhos de escavação e, últimamente, o estudo do material.

Desejamos, por isso, agradecer ao Sr. Leon R. de Barsy, Presidente do Conselho de Administração da Sociedade Minas d'Aljustrel, S.A. e ao Sr. Eng.^o Jacques Louis, Director-Geral Delegado em Portugal da mesma empresa.

Também os nossos colaboradores são dignos de menção, pois, embora destacados para executar os serviços necessários ao estudo do cemitério de Valdoca, fizeram-no com tanto interesse e entusiasmo, que justificam em parte o êxito e o bom termo do trabalho.

Assim, o Sr. Eduardo Maria Moreira, ao tempo colector ao serviço da empresa, fez os levantamentos, escavações e restauros; o Sr. António Gonçalves, ao tempo um já velho mineiro da empresa, fez a maior parte das escavações e restaurou, com raro sentido estético, as peças cerâmicas.

Por último, o Sr. José Conduto Carreira, actual desenhador da empresa, desenhou, no seu tempo livre, as figuras do presente trabalho.

As fotografias são de Freire d'Andrade e de Eduardo Maria Moreira.

1 — CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Desde os fins do século passado, ou seja, desde o desenvolvimento da exploração moderna das Minas de Aljustrel, que se têm vindo a encontrar e a registar vários vestígios da ocupação romana na área de Aljustrel.

Os mais notáveis achados são as duas tábuas de bronze com a legislação romana, uma delas a aplicar no «distrito mineiro de Vipascum», a outra com legislação técnica a seguir pelas minas de prata e ouro.

Outras peças, como caldeirões de bronze, escadas, espartões de juta, sandálias, colheres de madeira e diverso mobiliário (lacrímários, lucernas, urnas e outras vasilhas), encontram-se distribuídas pelos museus Nacional de Arqueologia e Etnografia (material ainda não estudado), Serviços Geológicos de Portugal (1), Museu Regional de Beja (2) e Museu local das Minas (3).

À excepção das peças que se encontram actualmente no Museu das Minas, todas as outras foram encontradas fortuitamente, ou no interior da mina, ou nos escoriais (caso das tábuas de bronze) ou em consequência da actividade de «pesquisadores de tesouros».

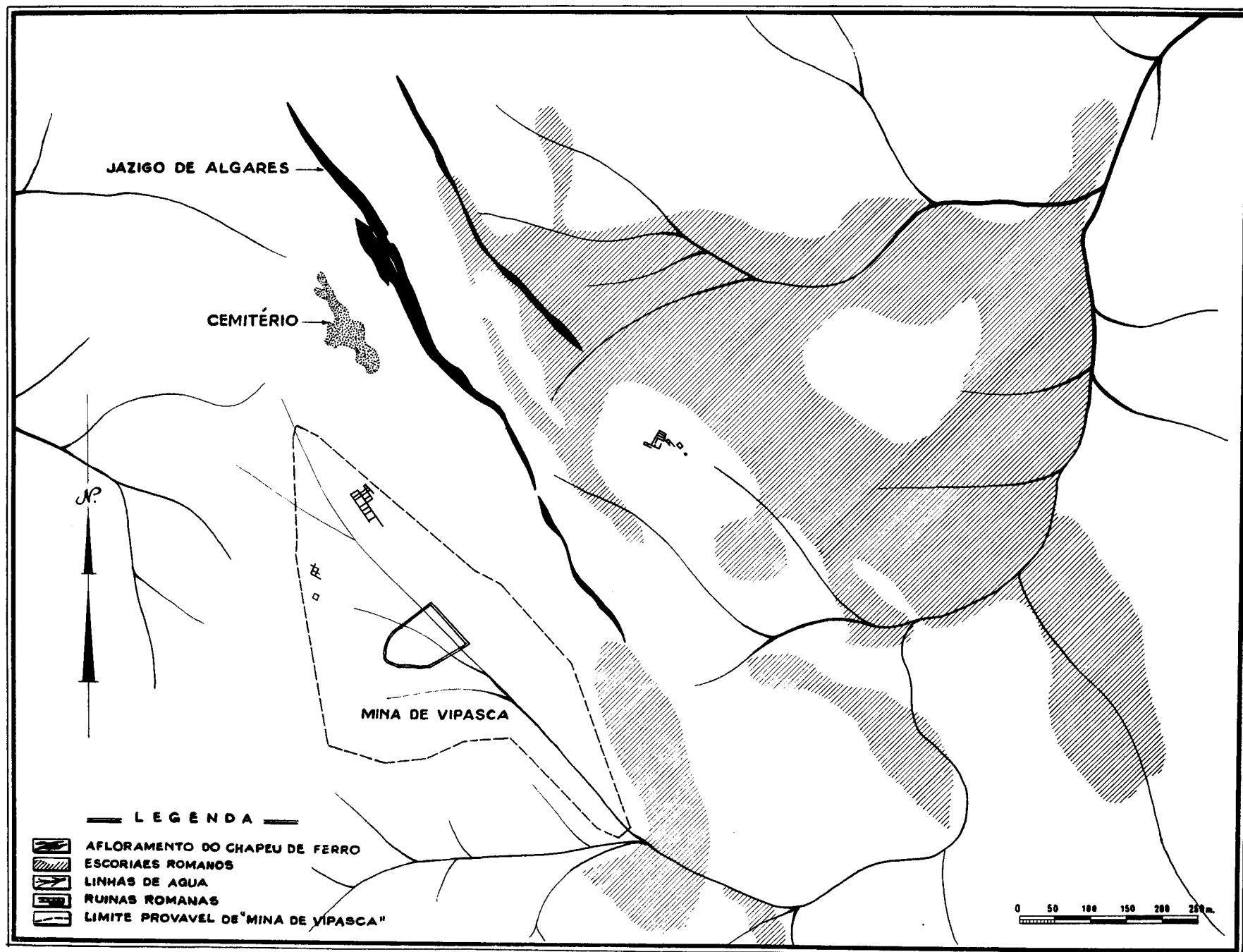
Só modernamente (a partir de 1954) se realizaram escavações sistemáticas. Com efeito, como resultado de um conjunto de circunstâncias favoráveis, realizou-se a escavação integral de um cemitério de perto de 500 sepulturas (cemitério de Valdoca), parcial dum conjunto de habitações (chaminé de Transtagana) e parcial de outro cemitério próximo (cemitério do Farrobo) e modernamente algumas sondagens em locais de interesse arqueológico realizadas com a colaboração do arqueólogo francês Claude Domergue.

O conjunto de circunstâncias favoráveis foi o seguinte: um dos signatários (Ruy Freire d'Andrade), engenheiro das Minas de Aljustrel, é amador em assuntos de arqueologia. Da sua presença nas Minas de Aljustrel, aliada às visitas periódicas de dois arqueólogos seus amigos, Octávio da Veiga Ferreira e o já falecido Abel Viana (a quem a Arqueologia do Baixo Alentejo tanto deve), resultou, dada a compreensão das Ex.^{mas} Administração e Direcção das Minas de Aljustrel e o seu espírito culto, resultou levarem-se a efeito aquelas escavações sistemáticas que salvaram da destruição e olvido tanto material arqueológico, algum fundamental para o estudo da ocupação romana nesta área.

(1) A. Viana, A. Freire de Andrade e O. da Veira Ferreira, «Minerações romanas de Aljustrel», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXV (1954); dos mesmos autores, «A exploração das Minas de Aljustrel pelos Romanos», *Arquivo de Beja*, XIII (1957).

(2) A. Viana, «Museu Regional de Beja — Ferragens artísticas; esculturas de osso, proto-históricas; machados da Idade do Bronze; ferragens romanas; joias de ouro, fivelas, amuletos e outros objectos», *Arquivo de Beja*, I (1944).




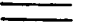
(3) Ruy Freire de Andrade, Octávio da Veira Ferreira e Abel Viana «Necrópole celtico-romana de Aljustrel», *Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, (Coimbra, 1956), tomo VIII, Coimbra, 1957.



(Página deixada propositadamente em branco)

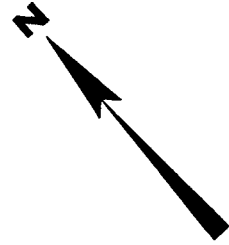


LEGENDA

-  SEPULTURAS LUSO-ROMANAS
-  AFLORAMENTOS DE XISTOS
-  PAREDES
-  ESTRADAS ANTIGAS
-  FUNDAÇÕES DE BAIRROS OPERÁRIOS
-  LINHAS DE ÁGUA

ESCALA

0 5 10 15 km.



(Página deixada propositadamente em branco)

A morte de Abel Viana e a actividade profissional de Veiga Ferreira e Freire d'Andrade limitaram o estudo do cemitério de Valdoca e dos materiais das outras escavações a algumas notas.

No caso especial do cemitério de Valdoca, apenas se deu a notícia sumária da sua descoberta e do estado das escavações, em comunicação apresentada ao XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências.

O estudo integral do espólio deste cemitério vem agora a ser feito por Adília e Jorge Alarcão, dois especialistas da arqueologia romana em Portugal.

Verifica-se assim ser possível, devido a um conjunto de circunstâncias favoráveis e à acção diversa de várias pessoas, apresentar um estudo completo, único em Portugal, de um cemitério romano, destinado talvez a uma completa destruição e esquecimento se não fossem as pessoas e circunstâncias mencionadas.

11 — CEMITÉRIO DE VALDOCA. DESCRIÇÃO GERAL.

Trata-se de um conjunto de 496 sepulturas espalhadas por uma encosta suave da colina dos Algares a escassos 70 m. do afloramento do minério tão intensamente explorado pelos romanos e a N. da área onde se supõe ter estado situada a povoação romana «Mina de Vipasca» (Est. I).

As sepulturas eram constituídas por covas geralmente rectangulares, por vezes abertas nos xistos que ali afloram, cobertas essencialmente por pedras de tamanhos variados amontoadas sobre a sepultura. As pedras utilizadas eram geralmente de pórfiro quartzífero que aflora perto, em local onde se notam escavações muito antigas; grauvaque e xisto também eram utilizados, mas menos frequentemente. Em alguns casos raros, toda a cova era coberta por uma única lage, que no entanto em nenhum caso era aparelhada. Não apareceu nenhuma pedra tumular com inscrições. Em alguns raros casos foram utilizados outros materiais (fragmentos de escória, tégulas e ânforas, etc.).

O cemitério era constituído por sepulturas de inumação e de incineração.

Nas de inumação, geralmente de grandes dimensões, raras vezes apareceu espólio. Os ossos, certamente devido à extrema acidez do terreno, também não foram encontrados.

As de incineração apresentavam geralmente dimensões mais pequenas. Foi destas sepulturas que se recolheu a grande maioria do espólio. Nestas sepulturas, ou bem se encontrava juntamente com o mobiliário tumular grande quantidade de cinza, com restos de madeira carbonizada, ou apenas se evidenciava uma pequena quantidade de cinza. Estas últimas foram consideradas também de incineração, supondo que os corpos teriam sido incinerados noutra local, as suas cinzas recolhidas em urnas, enterradas depois. No entanto, sepulturas houve que, não apresentando qualquer mobiliário, apenas mostraram uma pequena quantidade de cinza. Além disso, não foi encontrado qualquer local que parecesse reservado à incineração dos cadáveres.

A distribuição dos tipos de enterramento no cemitério de Valdoca é a seguinte:

De inumação.....	35%
De incineração.....	65%

A orientação do eixo maior das sepulturas tem um valor preferido, o mesmo quer nas de incineração quer nas de inumação (Est. III).

Este valor situa-se entre os 140° e os 150° de azimute verdadeiro, sendo a razão desta preferência talvez a direcção geral das curvas de nível do local.

A distribuição do mobiliário fúnebre também fornece alguns elementos estatísticos de interesse. Assim, verificou-se o seguinte:

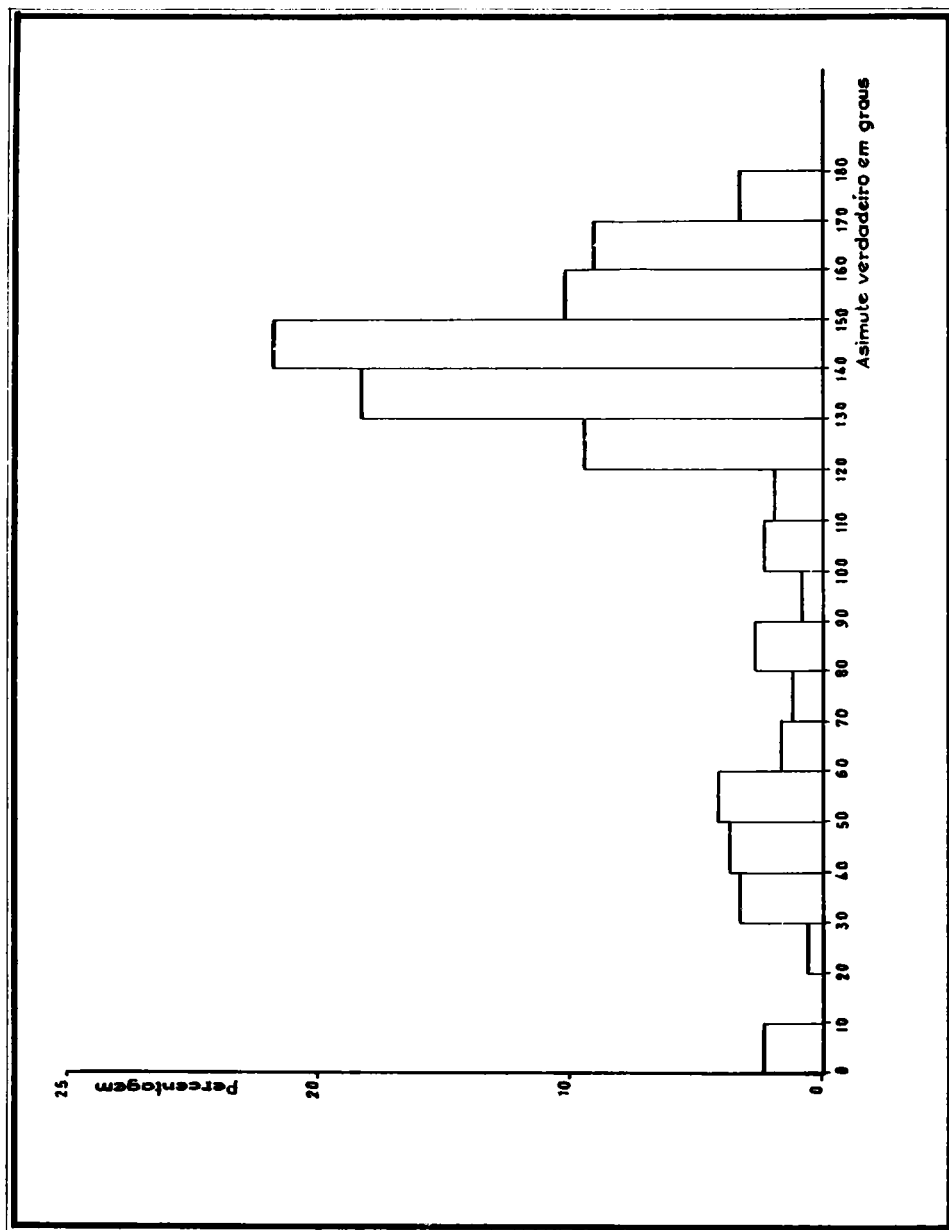
	Inumação	Incineração
<u>Sem mobiliário</u>	86%	37%
<u>Com uma peça</u>	12%	19%
<u>Com mais que uma peça</u>	2%	44%

É de notar também a ausência de sepulturas bem cuidadas, como atrás se mencionou. Dir-se-ia que não há correspondência entre o aspecto da sepultura (por vezes apenas um montículo de pedras) com a riqueza do seu mobiliário fúnebre.

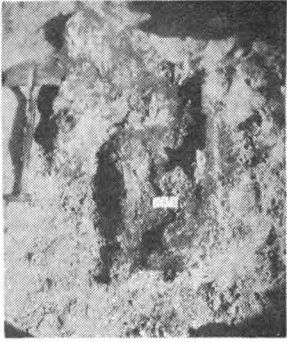
Junto a algumas sepulturas foram encontradas algumas paredes de pedra solta, construídas, talvez, para protecção das mesmas.

Por vezes, entre as sepulturas foram encontrados fragmentos de vasilhas e de ânforas (Est. II).

EST. III



EST. IV



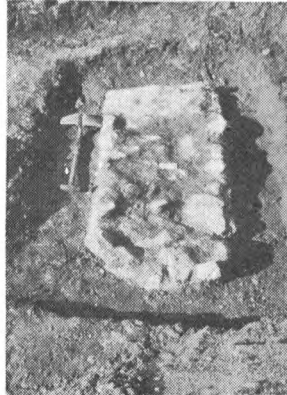
1



2



3



4



5



6

III — PORMENORES A ASSINALAR

Por vezes, algumas sepulturas apresentavam características especiais que parece interessante assinalar. Assim, com certa frequência, notaram-se ao lado de algumas sepulturas, umas vezes mesmo junto, outras um pouco afastadas, uma ou várias pedras que estavam geralmente assentes sobre a rocha, não cobrindo qualquer cova. Como se se tratasse de uma pequena prateleira lateral, de um anexo. Assim encontraram-se 15 sepulturas com este anexo, 13 das quais de incineração e 2 de inumação.

São elas as seguintes: 23, 37, 100, 105, 107, 135, 145, 158, 209, 244, 355, 365, 491 de incineração e 122 e 268 de inumação.

Quanto a aspectos particulares podemos salientar:

- 1) Por vezes os túmulos eram escavados na rocha uns 20, 40 e 50 cm. e até 70 cm. de profundidade.
- 2) O fundo das sepulturas é em alguns casos revestido de diversos materiais.

Assim:

- 16 — Incineração — com fragmentos de telhas e tijolos.
- 35 — Inumação — com pedras de grauvaque.
- 250 — Inumação — com 8 ladrilhos de barro.
- 454 — Incineração — 8 pedras de chapéu de ferro de dimensões mais ou menos uniformes (0,50 x 0,40 x 0,25 m.).

- 3) Por vezes a caixa da sepultura era feita com pedras ou outros materiais.
 - 221 — Incineração — esteios de pórfiro (Est. III).
 - 351 — Inumação — esteios de pórfiro.
 - 356 — Incineração — esteios de pórfiro e de tijolo.

- 4) Para cobertura eram usadas pedras da região, de pórfiro, grauvaque e xisto. No entanto, verificaram-se excepções:
 - 35 — Inumação — Coberta com telhas curvas e direitas e tijolos.
 - 196 — Inumação — Coberta com pequenas pedras de pórfiro assentes sobre duas grandes de grauvaque.

- 210 — Incineração — Sem qualquer pedra a cobrir.
304 — Incineração — Coberta com fragmentos de ânfora.
305 — Incineração — Coberta com fragmentos de ânfora.
353 — Incineração — Sem qualquer pedra a cobrir.
356 — Incineração — Coberta com três grandes pedras de grauvaque.
428 — Inumação — Coberta com pedras de pórfiro e uma de calcário de S. Brissos.

- 5) Algumas das sepulturas estão em contacto com pequenas paredes.
- 6) Algumas das sepulturas de inumação apresentavam uma tégula côncava numa das extremidades colocada como se fosse um travesseiro.

Estavam neste caso as sepulturas n.^{os} 45 e 196.

- 7) Certas sepulturas foram feitas em cima de outras.

Assim: a 173 estava em parte sobre a 172

a 174 e 175 estavam em parte sobre a 177

a 336 estava sobre a 351.

- 8) Muitas sepulturas tinham sido destruídas por «escavadores de tesouros». Estavam neste caso as:

117, 119, 120, 123, 133, 169, 212, 233, 257, 260, 261, 262, 263, 266, 270, 279, 288, 301, todas de incineração.

OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA

RUY FREIRE DE ANDRADE